



O Neogótico em Pernambuco e a obra do arquiteto Rodolpho Lima

Rodrigo José Cantarelli Rodrigues¹

Resumo: Em Pernambuco, o gosto Neogótico se faz presente, largamente, não apenas nas inúmeras edificações com ornamentação mais classicizante que se utilizam de arcos ogivais, mas também em construções bastante elaboradas, onde percebemos diversos dos elementos característicos desse movimento. Um nome que se destacou na produção neogótica pernambucana foi o do arquiteto Rodolpho Lima, que, embora ainda seja pouco conhecido e estudado, produziu no estado obras tanto famosas quanto polêmicas, deixando seu nome registrado na história da arquitetura de Pernambuco. Este artigo comenta uma parte dessa produção arquitetônica de Lima, mais precisamente a Ermida do Morro da Conceição, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Casa Forte, e a Igreja de Nossa Senhora do Paraíso, juntamente com a Casa dos Expostos, localizados no Recife, além da Igreja de São Salvador do Mundo, a Sé de Olinda, quando esta se apresentava com uma feição Neogótica.

Palavras-chave: Recife; Morro da Conceição; Igreja de Casa Forte; Sé de Olinda; Igreja do Paraíso.

Neo-Gothic in Pernambuco and the work of architect Rodolpho Lima

Abstract: In Pernambuco, the Neo-Gothic style is widely present not only in the countless buildings with more classic ornamentation that use pointed arches, but also in quite elaborate constructions, where we can see several of the characteristic elements of this movement. A name that stood out in Pernambuco's Neo-Gothic production was the architect Rodolpho Lima, who, although still little known and studied, produced, in Pernambuco, both famous and controversial works, leaving his name registered in the history of the state's architecture. This article comments a part of this architectural production of Lima, more precisely the small chapel of Morro da Conceição, the Church of the Sacred Heart of Jesus, in Casa Forte, and the Church of Our Lady of Paradise, with Casa dos Expostos, located in Recife, and the Church of Saint Savior of the World, the Cathedral of Olinda, when it was presented in a Neo-Gothic version.

Keywords: Recife; Morro da Conceição; Casa Forte's Church; Cathedral of Olinda; Church of Paradise

Introdução

Os revivalismos da arquitetura medieval começaram a surgir, na Europa, a partir da segunda metade do século XVIII, em países como Inglaterra e França, se popularizando, tanto naquele quanto em outros continentes, a partir do século seguinte. Era um momento no qual, na Europa, ocorria uma valorização, muito atrelada à invenção dos estados nacionais, da produção artístico-arquitetônica do final período medieval, ou seja, aquela produzida entre o final do século XII e o século XV, e que foi chamada

¹ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco, é Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Desde 2007 é analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, e em 2017 foi eleito como Conselheiro Titular do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural de Pernambuco, assumindo a vice-presidência deste em 2019.

de Gótica. Apesar de o Brasil não possuir uma Idade Média nos moldes europeus, o Revivalismo Gótico, por aqui, foi um fenômeno sociocultural extremamente popular, existindo exemplares construídos de alta significância tanto em relação à arquitetura civil quanto à religiosa. Essas construções, que, posteriormente, foram chamadas de Neogóticas, começaram a surgir ainda na primeira metade do século XIX em diversas cidades do país.

Em Pernambuco, o gosto Neogótico se faz presente, largamente, não apenas nas inúmeras edificações com ornamentação mais classicizante que se utilizam de arcos ogivais, mas também em construções bastante elaboradas onde percebemos diversos dos elementos característicos desse movimento. O primeiro exemplar Neogótico do estado, construído ainda na primeira metade do século XIX, foi o Palacete do comerciante inglês Henry Gibson, datado de 1847 e ampliado posteriormente. Pouco depois, em 1853, foi edificado outro importante exemplar do Neogótico em Pernambuco: a Capela do Cemitério do Senhor Bom Jesus da Redenção, mais conhecido como Cemitério de Santo Amaro, por estar localizado neste bairro da capital. Construída na confluência entre as duas principais ruas do cemitério, com base em um projeto de Mamede Ferreira, a capela combina uma planta em forma de octógono sobreposta a uma cruz grega e uma cúpula octogonal. Alberto Sousa (2000, p. 75) defende que esta seja, talvez, “a primeira edificação religiosa brasileira concebida com uma aparência gótica cuidadosamente estudada”.

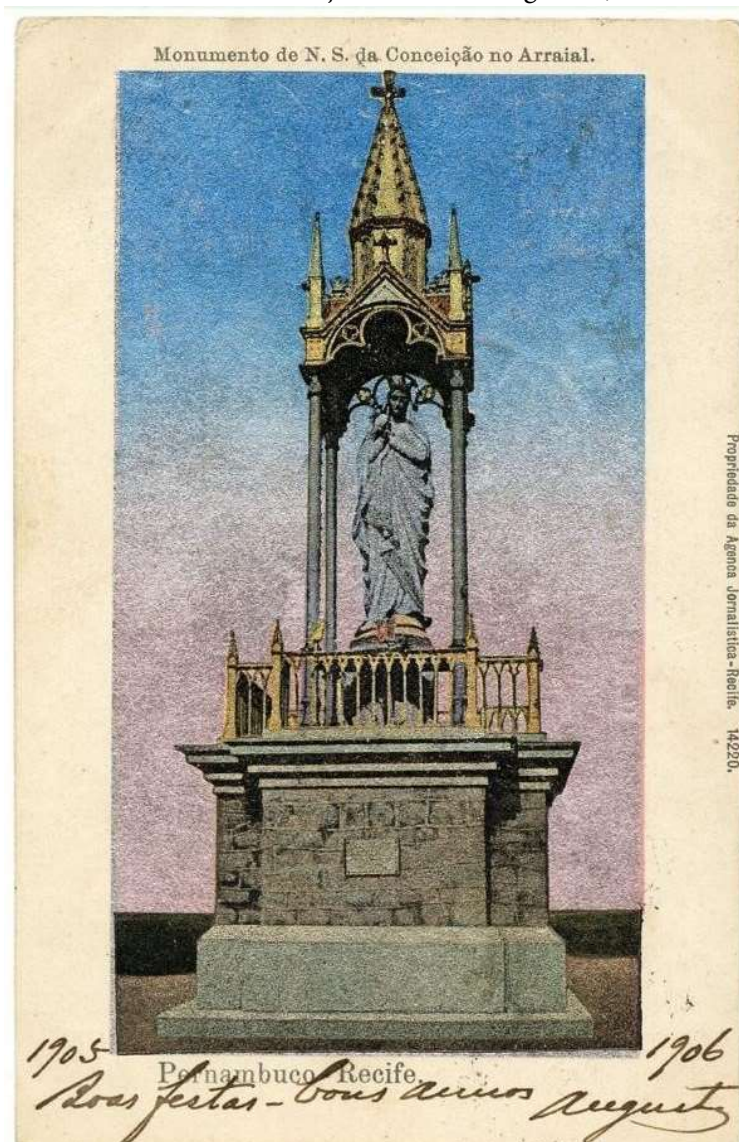
À parte desses exemplos do século XIX, o Neogótico foi largamente utilizado em construções religiosas nas primeiras décadas do século XX, seja em novas edificações ou na reforma de antigas, nas quais havia uma ideia de se desvencilhar da estética do período colonial. Um nome que se destacou na produção neogótica pernambucana foi o do arquiteto Rodolpho Lima, que, embora ainda seja pouco conhecido e estudado, produziu, em Pernambuco, obras tanto famosas quanto polêmicas, deixando seu nome registrado na história da arquitetura do estado. O objetivo desse texto é, portanto, analisar uma parte da produção de Rodolpho Lima nas duas primeiras décadas do século XX, focando em quatro dos seus projetos de linguagem neogótica, edificados no Recife e em Olinda, no início do século passado.

O Neogótico na obra do arquiteto Rodolpho Lima

Nascido na Paraíba, em 6 de novembro de 1861, Rodolpho Lima se mudou com a família para o Recife quando tinha apenas 6 anos. São poucas as informações disponíveis sobre a sua trajetória pessoal e profissional, o que se sabe, até o presente, é que ele começou sua carreira como gravador litográfico e que, em 1892, iniciou, como Engenheiro Conductor de 1ª Classe, no Escritório Técnico da Estrada de Ferro Central de Pernambuco. Sabe-se ainda que Lima foi professor de desenho, com fama de bastante rigoroso, em diversos estabelecimentos recifenses, tais como o Ginásio Ayres Gama, a Escola Pinto Júnior, o Ginásio Pernambucano e o Liceus de Artes e Ofícios, instituição da qual, em 1905, saiu por desavenças com a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco, que mantinha o estabelecimento. Lima ainda foi membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, o IAHGP, presidente do Circuito de Belas Artes, além de participar de uma série de comissões artísticas e na elaboração de decorações para o carnaval recifense.

Não se sabe, ao certo, quando Rodolpho Lima começa a projetar e acompanhar a construção de edifícios, atividade a que dedicou parte de sua carreira profissional, no entanto, umas das primeiras obras suas que encontramos referência é a capela do Colégio Eucarístico, construção mais antiga desse antigo estabelecimento educacional, já extinto, de feições ecléticas, possivelmente, edificada ainda no século XIX.² O seu primeiro projeto identificado com elementos Neogóticos se trata de uma Ermida construída junto ao Monumento a Nossa Senhora de Conceição, na zona norte do Recife. O local de construção dessa pequena capela, que já foi chamado de Morro do Bagnuolo, da Boa Vista e do Arraial, hoje é chamado de Morro da Conceição em função da edificação ali de um monumento para celebrar o jubileu da proclamação do dogma da Imaculada Conceição.

Figura 01. Monumento de Nossa Senhora da Conceição no Arraial, Agência Jornalística – Recife, 1905.



Fonte: Coleção Josebias Bandeira, Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

² O bloco maior do conjunto edificado do colégio, destinado às salas de aula, possui uma mistura bastante harmoniosa de elementos Neocoloniais e do Estilo Missões e foi inaugurado em 5 de setembro de 1936. Não foi localizada nenhuma documentação que mostre a relação de Lima com essa nova edificação.

A ideia para a construção do Monumento foi do engenheiro Alfredo Silva, que convidou outro engenheiro, Lafayette Bandeira, para projetar e construir a estrada de acesso ao morro. Bandeira também foi responsável pela construção do nicho que receberia a escultura da Virgem, projetado pelos engenheiros Carlos Alberto, Alfredo Silva e Pierre Collier. O Monumento em si é composto por um pedestal em cantaria e um nicho que recebe a escultura, composto por quatro colunas de ferro fundido com um zimbório e flecha de gosto neogótico. A imagem da santa foi comprada na *Maison Raffl*, fábrica francesa, localizada em de Paris, famosa por suas esculturas religiosas, produzidas em diversos tamanhos e materiais, como gesso, bronze, papelão compactado ou ferro fundido, que atuou entre 1857 e 1920. As obras do monumento começaram em fins de setembro de 1904, sendo ele inaugurado naquele mesmo ano, em 8 de dezembro, com um público estimado, pela imprensa da época, em trinta mil visitantes.

Figura 02. Capela do Morro da Conceição – Arraial.



Fonte: Almanach de Pernambuco para o ano de 1908. Recife: Imprensa Industrial, 1907.

Já a construção da ermida foi encomendada a Rodolpho Lima, dois anos depois da inauguração do Monumento, por Dom Luiz de Britto, sendo esta a primeira colaboração de Lima com a arquidiocese. Segundo um artigo publicado no *Almanach de Pernambuco para o ano de 1908* (1907, p. 146), a edificação

foi inaugurada no dia 14 de abril de 1907, a pequena capela “em perfeito estilo gótico”, com vinte e cinco metros de altura, possui quatro fachadas iguais, com aberturas em arco ogival e encimadas por um gablete com um trifólio central ladeado por pináculos. A pequena edificação está coroada por um lanternim com aberturas triplas em arcos ogivais, ameias e merlões, além de uma flecha, de base quadrada, ornamentada por florões com quadrifólios em suas faces. Este artigo do *Almanach de Pernambuco* sobre a inauguração da ermida é bastante elogioso e destaca que a técnica construtiva empregada de cimento armado, até então, era inédita no estado, além disso, ressalta que as portas com sete metros e meio de altura (hoje desaparecidas), são “as maiores que existem nessa cidade”.

Dom Luiz Raymundo Silva Britto, que se tornou o Arcebispo de Pernambuco em 1911, iniciou, com o projeto da Ermida do Morro da Conceição, uma profícua colaboração com Rodolpho Lima para a “renovação” de várias construções eclesíásticas que tomaram forma no início da década de 1910. Uma delas foi a remodelação da antiga capela do Engenho Casa Forte, datada do século XVII, antigamente sob a invocação de Nossa Senhora das Necessidades e que se encontrava em ruínas. As obras de reconstrução da capela, que vinham se arrastando desde o final do século XIX, foram assumidas por Lima, a pedido de Britto, em 1911.

Figura 03. Jardim de Casa Forte com a Igreja ao fundo, Benício Dias, 1939.



Fonte: Coleção Benício Dias, Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Não existem registros de como era a antiga edificação, tampouco do grau de arruinamento ou do andamento das obras de reconstrução no qual o edifício se encontrava quando Rodolpho Lima iniciou seus trabalhos. Inaugurada naquele mesmo ano, como Matriz da Paróquia da Casa Forte, sob invocação

do Sagrado Coração de Jesus, a nova edificação é bastante simples, se comparada aos outros projetos contemporâneos de Lima. Com planta de nave única e um campanário, encimado por uma cúpula esférica, no centro da fachada, além das populares aberturas com arcos ogivais, a capela ainda apresenta outros ornamentos neogóticos, como uma sequência de contrafortes escalonados nos seus cunhais e um gablete acima do acesso principal.

Também em 1911, Rodolpho Lima foi encarregado de um outro projeto, que teve um resultado bem mais elaborado que o da Igreja de Casa Forte, a reconstrução da Igreja do Paraíso e da Casa dos Expostos,³ que ocupava as dependências do antigo Hospital São João de Deus, edificações datadas do final do século XVII, pertencentes à Santa Casa de Misericórdia do Recife, localizadas no Largo do Paraíso. No início do século XX, tanto a Igreja quanto o Hospital, de certa forma, ainda mantinham suas feições como foram concebidos, no entanto, naquele momento, entendeu-se que aquela configuração deveria ser profundamente alterada. Rosane Loretto (2008, p. 42) reproduz uma fala de Loreto Couto, feita à época, onde se defendeu que

[...] entendeu muito bem a Santa Casa de Misericórdia que melhor seria arrasar completamente a sua antiga igreja e elevar nova que servisse plenamente ao culto cristão e condissesse com os melhoramentos em tam bôa hora com vigor renovados em Pernambuco.

Numa iniciativa que partiu da própria Santa Casa de Misericórdia, com o apoio da Cúria Metropolitana, naquele momento os edifícios foram inteiramente demolidos e reconstruídos com feições neogóticas. O projeto de Rodolpho Lima, nesse caso, foi bem maior e mais refinado que as duas outras obras comentadas anteriormente. Os novos edifícios da Casa dos Expostos e da Igreja do Paraíso eram um excelente exemplo do domínio que Lima tinha do repertório estilístico da Arquitetura Neogótica.⁴ A nova igreja foi construída na testada do lote com recuos laterais fechados por um gradil de ferro a partir de uma planta de nave única, com os volumes laterais correspondendo à sacristia e outras áreas de apoio. A sua fachada principal era marcada por uma torre central, de base quadrada e encimada por pináculos, com platibanda ornamentada por uma faixa de quadrifólios, e coroada por um zimbório de base octogonal, ladeado por pequenos gabletes. As quatro fachadas da torre são iguais e marcadas por janelas duplas com arco ogival, estes encontrados em todos os vãos da construção, e colunelos delgados com capitel avantajado nas ombreiras. Essas pequenas colunas delgadas, também bastante características da arquitetura gótica, são encontradas em todas as fachadas da edificação, especialmente encimando os contrafortes emulados, que estão presentes tanto nos cunhais quanto em sequência por todas as fachadas laterais, que por sua vez são encimados por diversos pináculos na altura do telhado. O acesso ao templo se dava por uma grande portada com escadaria, onde encontramos o mesmo padrão de colunelos do restante da fachada e um grande arrendado acima da porta, composto por dois arcos ogivais fechados com trifólios que sustentam uma rosácea. Acima da entrada do templo também são perceptíveis outros elementos da arquitetura gótica como um gablete, que aumenta a ilusão de verticalidade do edifício, e uma rosácea com um trifólio. Em relação ao interior da edificação, são poucas as imagens disponíveis, mas percebe-se que o piso era composto por ladrilhos hidráulicos e suas paredes eram preenchidas por pinturas que imitavam revestimentos marmorizados.

3' A Casa dos Expostos foi fundada nas dependências da Igreja do Paraíso, em 1789, para receber crianças abandonadas, após passar por outros edifícios da cidade, em 1860 ela volta para próximo da igreja ocupando o edifício do antigo Hospital.

4 Ambos os edifícios foram demolidos no processo de remodelação do bairro de Santo Antônio ocorrido no início da década de 1940.

Figura 04. Templo do Paraíso, com antigo Hospital ao fundo, sem data.



Fonte: Coleção Josebias Bandeira, Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Já o edifício da Casa dos Expostos se encontrava completamente recuado dos limites do lote, apresentando o mesmo gradil do templo e grandes lampiões na porta de acesso. Apesar de ter uma planta bastante simples, retangular e com porão alto, o edifício era acessado por uma escadaria monumental, sendo a própria edificação bastante ornamentada com elementos típicos da Arquitetura Neogótica. Todas as suas aberturas, portas e janelas, eram feitas em arcos ogivais com arquivoltas e arrendados, e a fachada principal, simétrica, estava dividida em cinco áreas, separadas por colunas escalonadas encimadas por pináculos. Ainda merecem destaque os relevos dentilhados na parte superior da fachada e a platibanda recortada por ameias e merlões, bem à moda das fortalezas medievais. A área central do edifício possuía um pequeno frontão, marcando o acesso principal, que não chegava a se elevar como os gabletes medievais.

Ainda naquele mesmo ano, 1911, Rodolpho Lima deu início àquela que foi, talvez, a sua obra mais conhecida, e que gerou muita repercussão no meio cultural recifense quando pronta: a remodelação da Igreja da Sé de Olinda. A construção desse templo remonta aos princípios da ocupação portuguesa em Pernambuco, no século XVI, sendo que essa primeira conformação da Igreja de São Salvador foi destruída, em 1631, por um incêndio, durante o período da ocupação holandesa no Nordeste. Com o início dos trabalhos de reconstrução de Olinda, ocorridos após a expulsão dos flamengos, a Igreja foi reformada e, em 1676, elevada à categoria de Sé, com a criação do bispado de Olinda. Com apenas uma torre, a composição do templo externamente era bastante simples, marcada por uma portada monumental; uma simplicidade que não se reproduzia no seu interior, revestido por talhas, painéis de azulejos, e pinturas. Era um edifício representante da primeira fase do Barroco Pernambucano, que vai da segunda metade do século XVII até meados do século XVIII, que, naquele início do século XX, como mostra o artigo *A catedral de Olinda*, publicado no *Jornal do Recife*, em 24 de agosto de 1919, era visto como “de arquitetura antiga, lembrando as construções portuguesas”.

Ao contrário do que ocorreu com os edifícios do Largo do Paraíso, no Recife, que foram inteiramente demolidos e reconstruídos, talvez pelas próprias dimensões do templo olindense e dos custos que uma completa demolição acarretaria, Dom Luiz de Britto optou por uma obra de remodelação, encomendada a Lima ainda em 1910, como consta em uma nota publicada no *Jornal Pequeno*, publicada em 10 de fevereiro daquele ano.

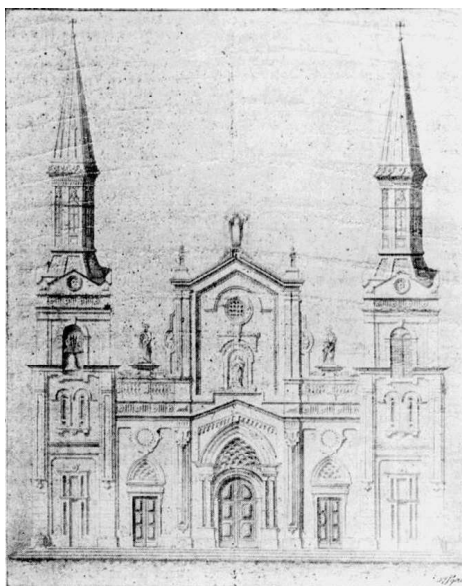
O mesmo periódico, no ano seguinte, publicou uma longa matéria, ocupando mais de uma página inteira, para tratar das obras de reforma do templo, onde reproduziu o projeto da fachada, visto na Figura 06. A maior parte desse texto é a reprodução de um artigo escrito por Pereira da Costa sobre a Catedral, já publicado no *Diário de Pernambuco*, com uma grande descrição do edifício antigo, ficando uma pequena parte dedicada às obras de remodelação da Sé. Ainda segundo o *Jornal do Recife* (1919, sem paginação), parte do material utilizado na reforma veio diretamente da Europa, sendo a igreja remodelada interna e externamente com inspiração neogótica, porém, tendo que “aproveitar todas as secções de luz e membros da ordem da primitiva construção”. As obras se arrastaram por toda aquela década e, embora as torres e a fachada principal tivessem sido concluídas em 1913, o novo templo só veio a ser inaugurado, de vez, em 24 de agosto de 1919.

Figura 05. A Cathedral de Olinda.



Fonte: Jornal Pequeno. Recife, 2 jan. 1911.

Figura 06. Nova fachada da Cathedral.



Fonte: Jornal Pequeno. Recife, 2 jan. 1911.

Apesar do condicionante de aproveitar a estrutura pré-existente, a proposta de Rodolpho Lima alterou completamente as feições do templo. Embora não tenhamos registros de dentro dessa nova edificação,⁵ sabe-se que, internamente, foram removidos painéis de azulejos, pinturas e ornamentações barrocas, e o altar-mor foi substituído por um, em forma baldaquino, feito de estuque e com uma ornamentação dourada, sendo o novo altar encimado por uma claraboia com vitrais coloridos. Também foram construídas, adossadas às fachadas laterais, quatro novas capelas com plantas em forma de trifólio e encimadas por telhados cônicos e pináculos. Outra grande transformação do templo se deu em sua fachada principal, onde foram edificadas duas torres quadrangulares que receberam elementos decorativos como contrafortes, arco ogival, frisos e arrendados. As duas torres foram coroadas por flechas octogonais, executadas em estrutura metálica, que possuíam diversos vitrais coloridos. Também foi construído um grande frontão elevado, encimado com uma escultura do Cristo Redentor, contendo um óculo com vitral e um nicho com uma escultura de Nossa Senhora da Conceição. Ladeando o frontão foram alocados dois acrotérios com imagens de São Pedro e São Paulo. As aberturas existentes foram reaproveitadas, tendo a portada principal recebido um acabamento que simulava um arco ogival com arquivoltas e um arrendado enquanto as portas laterais receberam uma ornamentação simulando apenas os arcos ogivais e um arrendado, sendo estas últimas, encimadas por óculos com vitrais.

Figura 07. Igreja da Sé de Olinda. Autor não identificado, 1919.



Fonte: Coleção Benício Dias, Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Embora elogiada por alguns quando inaugurada, a remodelação da Igreja da Sé, que foi responsável pela destruição de muitos dos elementos setecentistas do edifício, incluindo a remoção de quase todos os

⁵ Na década de 1930, a Igreja da Sé foi, novamente, remodelada.

seus painéis de azulejos e talhas barrocas, despertou em alguns intelectuais pernambucanos um sentimento de revolta diante da perda de uma edificação tão significativa para o passado do estado. Nos anos seguintes, Dom Luiz de Britto foi severamente atacado por essa iniciativa, assim como por outras remodelações em edifícios eclesiásticos, em artigos de jornal assinados por nomes como Gilberto Freyre e Anníbal Fernandes, que estavam preocupados com a construção de ações que preservassem de reformas semelhantes tais edifícios, chamados ali de Monumentos Históricos. Cabe, por fim, ressaltar que a Rodolpho Lima, que passou incólume a essas críticas, assim como aos outros arquitetos que lhe eram contemporâneos, de forma geral, não interessava a preservação dessas edificações, um discurso que, naquele momento, ainda estava dando seus primeiros passos no país. Para o grosso desses profissionais, naquele momento, obras como a da Sé eram oportunidades de mostrarem todo um domínio acerca de um vocabulário arquitetônico europeu que se punha em prática no país.

Considerações finais

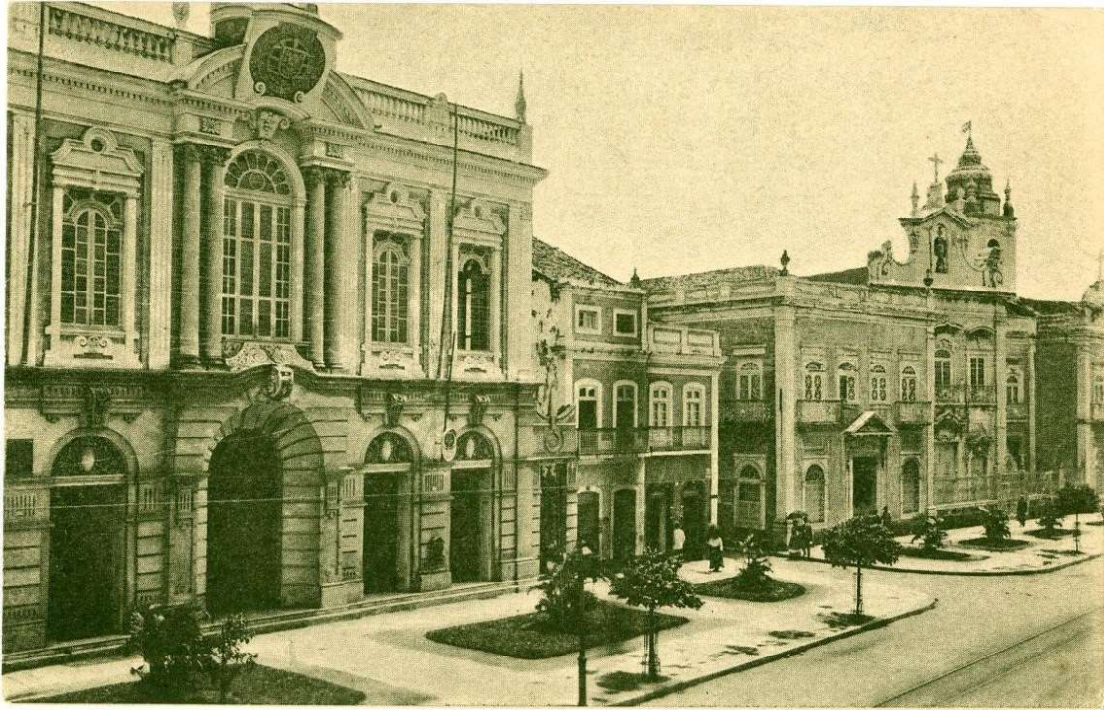
O Neogótico em Pernambuco foi um fenômeno extremamente popular, e com suas influências foram edificadas desde igrejas e capelas a residências e indústrias, não apenas na capital e em localidades próximas, mas também no interior do estado, que a partir do início do século XX, viu muitas de suas cidades construir suas igrejas matrizes se utilizando de elementos estilísticos desse Revivalismo. Essa é uma produção arquitetônica ainda pouco estudada e difundida, que necessita olhares mais atentos antes que exemplares significativos sejam perdidos, como ocorreu, por exemplo, com alguns dos edifícios projetados por Rodolpho Lima aqui mencionados.

Dentre os projetos aqui vistos, é perceptível a grande diferença nos resultados quando Lima foi mais livre para compor, em situações nas quais tinha total liberdade e não precisava aproveitar um edifício existente. Quando observamos os edifícios da Ermida do Morro da Conceição, da Igreja de Nossa Senhora do Paraíso e da Casa dos Expostos podemos perceber, de forma bastante evidente, uma variedade e um grande domínio de um repertório estilístico ligado ao Neogótico. Situação que não se rebete nas Igrejas de Casa Forte e da Sé de Olinda, onde o arquiteto teve que se submeter a estruturas pré-existentes que ficam bastante evidentes no resultado. No caso da Sé de Olinda, esses vestígios do edifício anterior são ainda mais fáceis de serem visualizados pois temos à disposição uma documentação que nos revela aspectos da construção sobre a qual Lima interveio, o que não ocorre, no caso da Igreja de Casa Forte.

Embora tenha sido um arquiteto bastante atuante, em Pernambuco, nas primeiras décadas do século XX, a obra de Rodolpho Lima ainda é pouco conhecida e difundida, sendo a reforma da Igreja da Sé de Olinda, talvez, aquela mais conhecida, não pelo seu projeto, mas por conta da destruição de um monumento do período colonial que essa obra acarretou. Lima faleceu no Recife, em 17 de julho de 1931, e embora tenha presenciado as repercussões de sua intervenção na catedral olindense não a viu ser desfeita para dar lugar a uma nova edificação na década de 1930, tampouco presenciou a destruição da Igreja de Nossa Senhora do Paraíso e da Casa dos Expostos, em 1944, abrindo espaço para as transformações urbanas que tomavam forma no bairro de Santo Antônio. O reconhecimento da qualidade de sua obra, no entanto, foi feito em vida, como podemos perceber, por exemplo, a partir de uma notícia do *Jornal Pequeno*, publicada em 29 de janeiro de 1912, onde se comenta que ele recebeu a medalha de ouro pelos

seus trabalhos de arquitetura do júri de Belas-artes da Exposição Industrial e Artística de Roma, onde, dentre os trabalhos expostos, estavam a Ermida do Morro da Conceição e o Gabinete Português de Leitura.

Figura 08. Rua Quinze de Novembro com Gabinete Português de Leitura, sem data.



Fonte: Coleção Josebias Bandeira, Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

O curioso é que, dos seus projetos que conseguimos confirmar a autoria e que chegaram até o presente, todos eles foram reconhecidos como patrimônio pela Prefeitura do Recife e se encontram protegidos legalmente, como os casos da Igreja de Casa Forte e da Ermida do Morro da Conceição, além de outros como a Capela do Colégio Eucarístico e o Gabinete Português de Leitura. Esse reconhecimento só sugere que a obra de Rodolpho Lima, talvez, seja muito maior e abrangente e que novas pesquisas, mais aprofundadas, sobre a sua trajetória são necessárias para um melhor conhecimento dos usos dos historicismos na arquitetura pernambucana, podendo, ainda, nos revelar grandes surpresas.

Referências

A CAPELINHA do Morro do Arraial. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1908**. Recife: Imprensa Industrial, 1907. p. 145-146.

A CATEDRAL de Olinda. **Jornal do Recife**. Recife, 24 ago. 1919.

A CATEDRAL de Olinda. **Jornal Pequeno**. Recife, 2 jan. 1911.

ALMANACH de Pernambuco para o ano de 1912. Recife: Imprensa Industrial, 1911. p. XLII.

BANDEIRA, L. Monumento à Immaculada Conceição no Arrayal. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1906**. Recife: Imprensa Industrial, 1905. p. 193-198.

CATEDRAL de Olinda. **Jornal do Recife**. 19 nov. 1912.

COSTA, W. R. Instruir, disciplinar e trabalhar: a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco e o Liceus de Artes e Ofícios (1880-1908). **Dissertação** (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife, 2013.

EXPOSIÇÃO Artística de Roma. **Jornal Pequeno**. Recife, 29 jan. 1912.

GABINETE Português de Leitura. **Diário de Pernambuco**. Recife, 8 dez. 1910.

GONZALES, R. J. B. de F. Arquidiocese de Olinda e Recife e a preservação de monumentos históricos (1910 – 1930). **Dissertação** (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife, 2017.

IGREJA do Paraíso e Casa dos Expostos. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1917**. Recife: Imprensa Industrial, 1916. p. 205-208.

LORETTO, R. P. Paraíso & Martírios: histórias de destruição de artefatos urbanos e arquitetônicos no Recife. **Dissertação** (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2008.

O ARCEBISPO D. Luiz. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1912**. Recife: Imprensa Industrial, 1911. p. 25-27.

OLIVEIRA NETO, D. Arquitetura (neo)gótica e neocristandade: Experiência estética e formas de institucionalização e sociabilidade da Igreja católica no Brasil (1910-1930). In: **Anais da X Jornada de Estudos Históricos Professor Manoel Salgado**. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2015.

PEREIRA DA COSTA. Sé de Olinda. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1912**. Recife: Imprensa Industrial, 1911. p. 1-3.

PEREIRA, M. C. C. L. O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismo e obsessões. In: **Anais do Xxvi Simpósio Nacional De História** – ANPUH. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

LIMA, R. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1912**. Recife: Imprensa Industrial, 1911. p. 177- 178.

SOUSA, A. **Classicismo Arquitetônico no Recife Imperial**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

Submetido em: 25.10.2021

Aceito em: 21.12.2021